

Escritor

Projetos e omissões

Créditos: Tomas Edison Silveira



José Falero

“A crise da educação no Brasil não é uma crise; é um projeto.” A célebre frase do Darcy Ribeiro é tão brilhante que, por vezes, parece nos cegar para o fato de que este país sempre teve muitos projetos, cada qual mais terrível do que o outro. Afinal de contas, não foi por crise, e muito menos por acaso, que etnias indígenas inteiras desapareceram da existência sobre este solo, assim como também não é por crise ou acaso que as poucas etnias sobreviventes padecem até hoje o mais obscuro desamparo. Neste exato momento, há um genocídio em curso, exterminando os negros nas periferias das grandes metrópoles brasileiras, o que também não ocorre por crise ou acaso. Há o encarceramento em massa, que mantém o sistema prisional constantemente à beira do colapso e, quando se traça o perfil dessa imensa população carcerária, percebendo-se que a grande maioria dos presos são pretos ou pardos e quase a totalidade são pobres, torna-se impossível explicar esse contexto por crise ou acaso. Também é impossível explicar por crise ou acaso o fato de o Brasil manter-se, por anos consecutivos, no topo do ranking dos países que mais matam a população LGBTQIA+. Não é por crise ou acaso que o Brasil é o quinto país com maior número de feminicídios. Não é por crise ou acaso que as mulheres estatisticamente ganham menos dinheiro do que os homens no Brasil, desempenhando a mesma função que eles e com o mesmo grau de instrução que eles. Não é por crise ou acaso que, ano após ano, as estatísticas vêm mostrar que o povo brasileiro lê pouco, isto é, que apenas um percentual muito pequeno da população brasileira chega a desenvolver o hábito da leitura ao longo da vida. Não é por crise ou acaso que a maior parte dos trabalhadores brasileiros, que recebem até dois salários mínimos, não pode, com essa renda, garantir o lazer da família, muito menos custear educação de qualidade para os filhos e menos ainda comprar uma casa digna. Não é por crise ou acaso a falta de saneamento básico que assola milhões de pessoas Brasil afora. Não é por crise ou acaso a péssima distribuição de renda do país. Não é por crise ou acaso a violência policial. Não é por crise ou acaso a ausência de negros em espaços de poder. Enfim, não é por crise ou acaso o próprio Brasil, tal como é. O Brasil, tal como é, resulta de um conjunto de projetos escabrosos, todos muito bem definidos e facilmente identificáveis.

Por exemplo, quando se discutem os privilégios dos brancos no Brasil de hoje, é muito comum, pelo menos entre as pessoas sensatas, reconhecer as práticas históricas do estado brasileiro que resultaram nesses privilégios. Os mais de quatrocentos anos de escravização da população negra talvez constituam o caso principal, mas certamente não o único. Mesmo após a abolição, os negros foram impedidos de frequentar escolas, enquanto os imigrantes brancos recebiam generosos incentivos do governo para transferir a vida para o Brasil. Esse, porém, é apenas um lado da moeda, o mais eviden-

te. Para além desses projetos ativos e perversos, o Brasil também pecou muito, e ainda peca muito, por omissão. Afinal de contas, “o silêncio diante do mal é em si mesmo um mal. Não falar é falar. Não agir é agir”, como diria Dietrich Bonhoeffer. Em outras palavras, a ausência de uma determinada política pública não deixa de ser em si mesma uma política pública.

Há uma impressionante fartura de dados, pesquisas, estatísticas, tudo evidenciando os mais variados tipos de injustiças sociais: de gênero, de raça, de classe, etc. E outra coisa que também não falta são categorias de análise e indicadores técnicos apontando os melhores caminhos para enfrentar tudo isso — caminhos esses que, em muitos casos, já apresentaram resultados positivos quando experimentados mundo afora. É possível — na verdade, mais do que isso, é muito provável — que em nenhum outro momento da história tenhamos tido tantas ferramentas confiáveis quanto hoje para mapear todos os problemas da sociedade e formular políticas públicas robustas para minimizar bastante ou mesmo resolver por completo cada um deles. Apesar disso, ou talvez justamente por causa disso, parece aumentar a cada dia um obstáculo que na verdade nunca foi pequeno: a capacidade das forças contrárias aos avanços sociais e ao espírito republicano de imobilizar a boa vontade e sabotar as boas iniciativas. Vide como a esquerda de modo geral e o Partido dos Trabalhadores em particular têm sido sistematicamente criminalizados no Brasil pela grande mídia, pelos donos do grande capital, pelos políticos sujos.

Os exemplos de pecados por omissão são intermináveis, sobretudo se levarmos em consideração todo o território (e todas as mazelas) de um país continental (e diabólico) como o Brasil. Mas, para ilustrar a perspectiva que tento apresentar, creio que deva bastar um caso bastante específico, a respeito do qual tenho conhecimento empírico e sobre o qual, portanto, posso discorrer com boa propriedade. A Lomba do Pinheiro, bairro localizado no extremo leste de Porto Alegre, onde nasci, cresci

e onde vivo até hoje, é uma das regiões mais populosas da cidade. Mesmo assim — mesmo com dezenas de milhares de pessoas morando lá —, o bairro durante muito tempo não teve uma única escola de ensino médio. Como resultado disso, os jovens da Lomba do Pinheiro que se formavam no ensino fundamental viam-se obrigados a ir cursar o ensino médio muito longe de casa — em muitos casos com dificuldades para pagar as passagens de ônibus necessárias, mesmo com o desconto para estudantes — e esse era um dos principais fatores pelo qual a imensa maioria desses jovens acabava abandonando os estudos sem concluir o ensino médio, por vezes, sem nem mesmo iniciá-lo.

Ora, quando se estabelece um contexto como esse, estabelece-se, junto com ele, a possibilidade de agir no sentido de desfazê-lo. E, não agir no sentido de desfazê-lo, equivale a agir no sentido da sua manutenção. Mas, como sabemos, não se trata de crise ou acaso. É um projeto. Um projeto que, nesse caso, se fortalece por meio da omissão. A ausência de escolas de ensino médio em um lugar populoso como a Lomba do Pinheiro reflete o lugar social historicamente reservado para a população de um bairro como aquele: não o lugar da intelectualidade, não o lugar artístico, não um lugar digno, não um lugar que possibilite o pleno desenvolvimento dos potenciais e da humanidade daquelas pessoas, mas o lugar do trabalhador braçal e alienado, o lugar do trabalhador precarizado e mal remunerado, o lugar do trabalhador explorado e desumanizado, um lugar para o qual basta o aprendizado básico da leitura e da escrita e o domínio mínimo das operações aritméticas fundamentais, enfim, um lugar para o qual não se faz necessário o ensino médio.

E olhe que estou fazendo um pequeníssimo recorte para falar apenas da falta de acesso, ou do acesso dificultado, à educação em um bairro como a Lomba do Pinheiro. Imagine se formos levar em consideração todas as faltas e todos os dificultadores que assolam um bairro como aquele, como a falta de saneamento básico,

O BRASIL, TAL COMO É,
RESULTA DE UM CONJUNTO DE PROJETOS ESCABROSOS,
TODOS MUITO BEM DEFINIDOS E
FACILMENTE IDENTIFICÁVEIS

a absoluta ausência de teatros e cinemas, o fato de a água desaparecer dos canos por dias a fio em pleno verão, as ruas de terra que ficam intransitáveis quando chove, a insuficiência dos equipamentos de lazer, etc., etc., etc. Para cada um desses problemas, existe a possibilidade de implementação de uma política pública capaz de amenizá-lo bastante ou mesmo resolvê-lo por completo e não implementar essa política pública significa exercer uma política pública no sentido contrário. Dinheiro sempre há: é tudo uma questão de rever prioridades. No caso de Porto Alegre, é uma questão de deixar de investir na orla do Guaíba, por exemplo, para investir, digamos, em obras de infraestrutura nas periferias. Curiosamente, no entanto, qualquer um de nós é capaz de entender de imediato, ou pelo menos de intuir aos poucos, o tamanho da improbabilidade de uma coisa como essa acontecer, isto é, de haver, de uma hora para a outra, uma inversão de prioridades dessa ordem, seja em Porto Alegre, seja em qualquer outro lugar do Brasil. E essa improbabilidade é proporcional à força dos projetos ora vigentes no Brasil, que dão forma, sabor e cheiro ao país e dos quais o Darcy Ribeiro identificou um.

Não é difícil perceber para quem este país deseja a ordem e para quem este país deseja o progresso. Na Lomba do Pinheiro, por exemplo, durante muito tempo, faltou escolas de ensino médio e outras tantas coisas faltam até hoje, mas foi justamente lá que a Polícia Civil estreou o seu novíssimo helicóptero de caça em 2012, numa operação que envolveu 600 agentes; foi justamente para lá que se enviou boa parte dos agentes da Força Nacional de Segurança Pública em 2016. Ou seja, o poder público conhece muito bem os caminhos que levam a bairros como a Lomba do Pinheiro quando se trata de reprimir a insatisfação e os efeitos colaterais da injustiça social, mas parece esquecer por completo esses mesmos caminhos quando se trata de investir em infraestrutura, em lazer, em educação, em cultura, etc.

Não há como negar que as políticas públicas são o principal instrumento, ou talvez o único instrumento, de efetiva transformação social, de efetivo combate às injustiças, de efetiva promoção da paz e do bem-estar no âmbito do Estado Democrático de Direito. Mas também é verdade que é possível apontá-las para qualquer direção, inclusive a direção da manutenção do status quo ou mesmo a direção do agravamento dos abismos.

AS POLÍTICAS PÚBLICAS SÃO O
PRINCIPAL INSTRUMENTO DE EFETIVA TRANSFORMAÇÃO SOCIAL.
MAS É POSSÍVEL APONTÁ-LAS PARA QUALQUER DIREÇÃO, INCLUSIVE
NA DIREÇÃO DO AGRAVAMENTO DOS ABISMOS SOCIAIS

